Atribuição de causalidade e avaliação de resultados escolares: uma comparação transcultural

AROLDO RODRIGUES *

1. Introdução; 2. O experimento de Weiner e Kukla; 3. As réplicas brasileiras; 4. Conclusão.

1. Introdução

Há cerca de 10 anos o autor do presente trabalho iniciou um programa de réplicas de estudos realizados em psicologia social. Até o momento cerca de 15 trabalhos de réplicas diretas ou sistemáticas foram conduzidos e outros estão em andamento. Uma retrospectiva geral do que revelaram estes estudos será objeto de trabalho futuro.

A finalidade do presente artigo é apresentar os resultados obtidos através de seis experimentos conduzidos com amostras brasileiras numa tentativa de replicar os achados obtidos por Weiner e Kukla (1970) relativos à alocação de recompensas e punições em função da atribuição de esforço e aptidão do indivíduo que obtém determinado resultado numa tarefa escolar.

A importância de realizarem-se réplicas de estudos conduzidos em outras culturas é de suma importância em psicologia social. Como é inegável a influência do contexto sociocultural no comportamento social, poder-se-ia pôr em dúvida a validade, para o Brasil, de achados obtidos em outros ambientes. Por outro lado, negar simplesmente sua validade sem a verificação empírica prévia de que, de fato, não se repetem em nosso meio, parece-me uma atitude precipitada e anticientífica. A solução que proponho para o problema (Rodrigues, 1979, cap. 5) é a de efetuarem-se réplicas de estudos importantes e que testam teorias de alcance inegável, a fim de dirimir-se a controvérsia de sua aplicabilidade ou não à nossa realidade. Referindo-me à aplicabilidade ou não de achados em psicologia social oriundos dos EUA, assim me posicionei na publicação aludida: "... é freqüente encontrarmos defensores de duas posições extremadas: de um lado, estão os que negam qualquer aplicabilidade dos achados obtidos nos EUA à realidade latino-america-

* Professor titular da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

na; de outro, perfilam-se uns poucos que julgam ser estes achados de aplicabilidade universal e ignoram o fato de terem sido obtidos numa cultura com características específicas, bem diferentes da nossa.

Para mim, ambas estas posições estão equivocadas. Não me parece sensato se fazer *tabula rasa* do conhecimento adquirido alhures nem tampouco afirmar sua aplicabilidade sem confirmação de que ela procede. Minha proposta de solução para o problema é que os psicólogos sociais latino-americanos não só desenvolvam programas de pesquisas próprias e centradas em nossa realidade, mas que também, paralelamente a isto, façam réplicas de estudos conduzidos em outros ambientes socioculturais, a fim de que se determine, objetivamente, se o que foi verificado no estrangeiro se repete ou não em nosso meio. As vantagens desta proposta são, a meu ver, as seguintes:

"a) ela permite que não se parta necessariamente da estaca zero em nosso esforço pela criação de um corpo de conhecimento latino-americano em psicologia social; os achados estrangeiros reproduzidos em nosso meio serão aproveitados;
b) ela permite que novas descobertas sejam feitas acerca do comportamento psicossocial do homem latino-americano quando não se reproduzem os achados originais; a busca de interpretação para a diferença de resultados nas duas culturas enriquece o conhecimento sobre a nossa realidade;
c) ela permite identificar aquelas variáveis tão fortemente influentes no comportamento social humano, que seus efeitos são suficientemente robustos a ponto de sobrepujar a influência de diferenças culturais;
d) ela permite uma resposta objetiva ao problema da adequação ou não de teorias e achados alienígenos à nossa realidade" (p. 65).

É dentro desta linha de pensamento e como parte integrante de um programa mais amplo que os estudos que serão aqui reportados devem ser considerados. Eles constituem uma réplica direta dos experimentos realizados por Weiner e Kukla (1970) nos EUA e por Heckhausen (1972) na Alemanha Ocidental.

2. O experimento de Weiner e Kukla

Weiner e Kukla (1970) conduziram três experimentos semelhantes com três tipos de amostras: estudantes universitários de diversas áreas, alunos de classe média baixa de ensino secundário e alunos de um curso de pedagogia. Os experimentos constavam em apresentar aos sujeitos informações relativas a alunos; os sujeitos deveriam desempenhar o papel de professores e, baseados nas informações que lhes eram prestadas, atribuir estrelas douradas (recompensa) ou estrelas vermelhas (punição) a estes mesmos alunos. As informações prestadas eram de três tipos: se o aluno se esforçava ou não na realização da tarefa; se ele tinha ou não *ability* (capacidade, aptidão, competência) para a tarefa em pauta; se o resultado por ele

obtido havia sido excelente, bom, regular, insuficiente ou deficiente. Os sujeitos poderiam alocar de uma a cinco estrelas douradas *ou* vermelhas para traduzir sua avaliação do desempenho do estudante; não poderiam atribuir estrelas douradas *e* vermelhas simultaneamente.

Os resultados mostraram, para as três amostras, que os sujeitos recompensam mais pelo sucesso e punem menos pelo fracasso os alunos que se esforçam e que não têm aptidão especial para a tarefa; mostraram ainda que as três amostras recompensam menos por sucesso e punem mais por fracasso os alunos competentes, mas que não se esforçam. As outras duas combinações de ausência ou não de esforço e de capacidade situaram-se entre estas duas combinações anteriormente aludidas. Estes resultados foram integralmente replicados por Heckhausen (1972) na Alemanha Ocidental.

3. As réplicas brasileiras

Os três primeiros experimentos conduzidos em nossa realidade reproduziram exatamente o procedimento de Weiner e Kukla (1970) com três amostras semelhantes: alunos de cursos universitários, alunos do Senai e alunas de curso de pedagogia de uma universidade da cidade do Rio de Janeiro. Nesta primeira série de três experimentos foi traduzida a palavra *ability* por competência, esclarecendo o aplicador (quando solicitado) que se tratava de posse ou não de dom natural para a tarefa. A figura 1 mostra os resultados obtidos com a amostra de universitários em geral; embora os valores fossem um pouco diferentes, a posição e a inclinação das quatro situações no eixo de coordenadas foram as mesmas para as outras duas amostras.

As diferenças entre estes dados e os obtidos nos EUA são as seguintes:

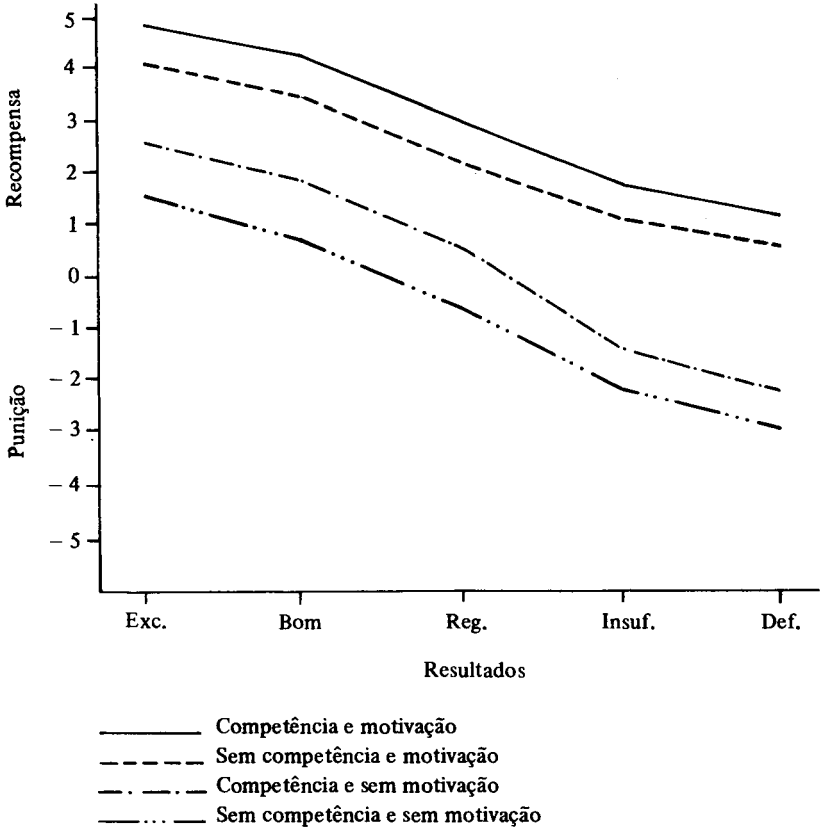
1. A amostra americana recompensa mais os bons resultados dos estudantes esforçados e não-competentes na tarefa; em seguida os bons resultados de esforçados e competentes e, finalmente, os dos não-esforçados e competentes.
2. A amostra americana pune menos os maus resultados dos estudantes esforçados e não-competentes na tarefa; em seguida os maus resultados dos esforçados e competentes; depois, os dos não-esforçados e competentes.
3. A amostra brasileira apresentou os mesmos resultados, com duas diferenças fundamentais:

a) os mais recompensados por bons resultados foram os esforçados e competentes na tarefa, os quais foram também os menos punidos por maus resultados;
b) os menos recompensados por bons resultados e mais punidos por maus resultados foram os não-esforçados e incompetentes na tarefa.

A diferença na valorização dos elementos determinantes da atribuição de causalidade conducentes à alocação de recompensas e punições pelos resultados

Figura 1

Avaliação em função dos resultados, da competência e do esforço (motivação) do estudante.
Amostra: universitários brasileiros



obtidos é clara nas duas culturas. Nos EUA a valorização do *esforço* – elemento indicador de causalidade interna – é dominante; tanto é que os mais recompensados por bons resultados são os estudantes incompetentes e esforçados que são também os menos punidos por maus resultados. Por outro lado, os mais severamente punidos por maus resultados e menos recompensados por bons resultados são os competentes e não-esforçados. No Brasil, todavia, a valorização de *competência* – elemento indicador de causalidade externa – é dominante, fazendo com que os competentes esforçados sejam mais recompensados por bons resultados que os incompetentes esforçados; os mais punidos por maus resultados são os incompetentes não-esforçados, e não os competentes não-esforçados.

Como a tradução do termo *ability* por competência poderia ter influenciado estes resultados (em geral, a pessoa é competente devido ao esforço feito para

tornar-se competente), três outros experimentos idênticos aos anteriores foram conduzidos com outras amostras semelhantes: estudantes universitários em geral, alunos do Senai e alunas de pedagogia. Desta vez, o termo *ability* foi traduzido por aptidão. À exceção desta variação, tudo o mais foi idêntico aos estudos anteriores. A figura 2 mostra os resultados obtidos com os estudantes universitários e a figura 3 os referentes à amostra de alunas de pedagogia. A amostra de alunos do Senai muito se aproximou à dos alunos universitários.

Figura 2

Avaliação em função dos resultados, da competência e da motivação do estudante.
Amostra: estudantes universitários brasileiros

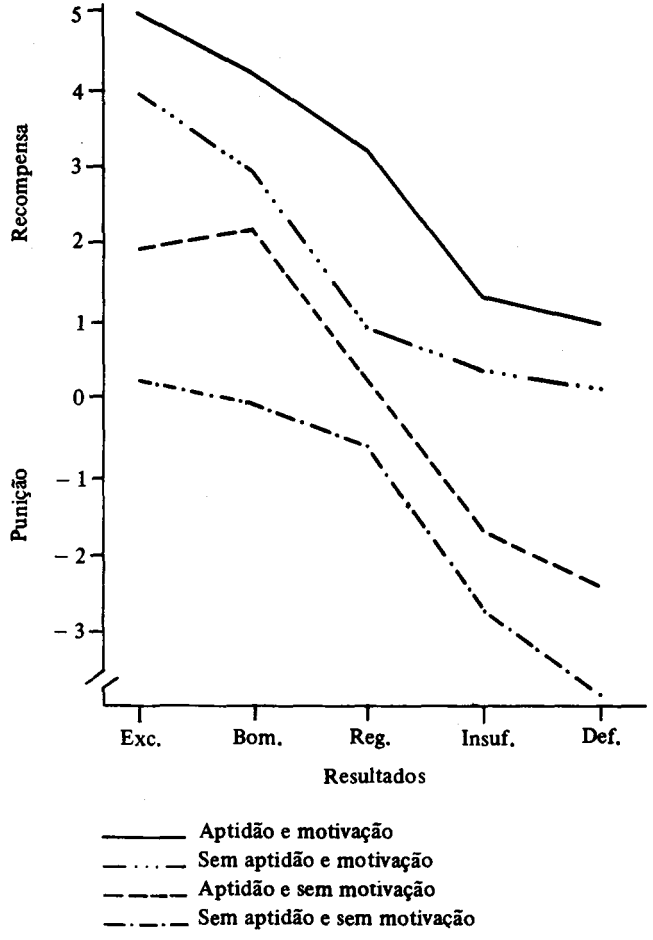
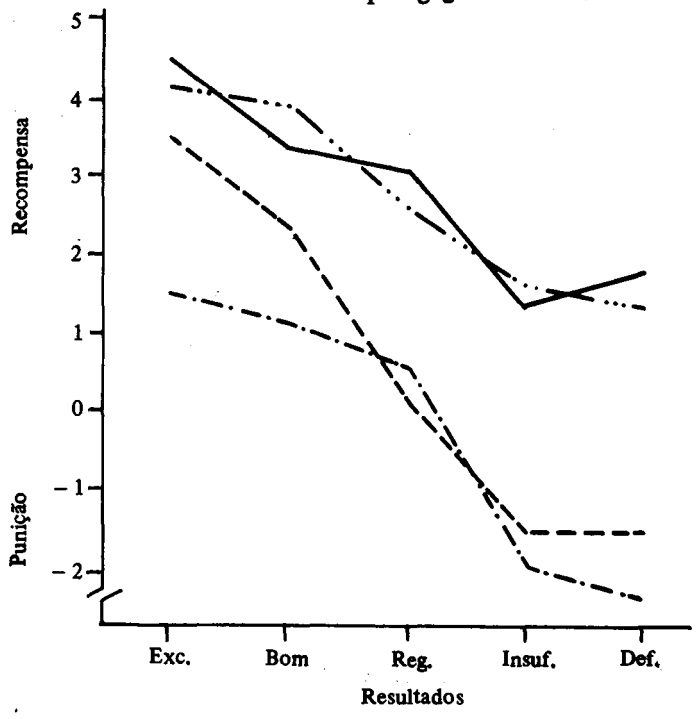


Figura 3

Avaliação em função dos resultados, da competência e da motivação do estudante.
Amostra: alunas de pedagogia brasileiras



Vê-se que as amostras de universitários em geral (e de alunos do Senai cujos resultados não foram reproduzidos nas figuras, mas que se assemelham aos da figura 2) repetem o que foi verificado nos três primeiros experimentos com amostras brasileiras e já relatadas. As alunas de pedagogia, todavia, aproximaram-se um pouco mais dos dados americanos e alemães, embora com eles não se identifiquem totalmente.

4. Conclusão

Cinco das seis amostras utilizadas revelam que as pessoas mais recompensadas por bons resultados e menos punidas por maus resultados são as competentes ou aptas

e esforçadas; também estas cinco amostras indicaram que as menos recompensadas por bons resultados e mais punidas por maus resultados são as pessoas incompetentes ou inaptas e não-esforçadas. Isto parece indicar que no Brasil, diferentemente do que ocorre nos EUA e na Alemanha, as pessoas valorizam menos o esforço ao atribuir recompensas e punições a realizações escolares. Embora não se possa dizer que o esforço não é valorizado (as amostras brasileiras recompensaram mais por bons resultados os esforçados que os não-esforçados – valores de *t* acima do nível de 0,01 de significância estatística), parece que ele não é tão valorizado como naqueles países de vez que é razoável admitir-se que uma pessoa que atinge os mesmos resultados de outra tendo menos aptidão que esta outra deveria, caso se valorizasse particularmente o esforço, ser mais recompensada que esta última. Isto de fato ocorre nos EUA e na Alemanha, mas não ocorre com cinco das seis amostras brasileiras.

Isto talvez explique por que o Aleijadinho, que tanto fez para superar sua deficiência física e tornar-se um artista notável, não seja, em geral, avaliado pelos brasileiros de forma especial e típica, mas meramente como um outro artista de talento. O mesmo não ocorre nos EUA onde Lincoln, pessoa indubitavelmente bem dotada e instruída como nos mostra Vianna Moog (1968), é insistentemente apresentado pelos americanos como sendo uma pessoa de pouca instrução que se superou pelo esforço tenaz e denodado.

É prematuro generalizar-se esta conclusão para a cultura brasileira em geral. A maioria dos estudos aqui reportados, todavia, indica que parece haver maior tendência entre nós para valorizar as pessoas que se destacam em tudo (quer seja fruto de esforço, quer de dons naturais) ao invés de dispensar maiores encômios aos que se superam pelo esforço, tenacidade e vontade de realização. Em outras palavras, parece que os brasileiros não distinguem suficientemente dotação natural do aluno e esforço por ele despendido na alocação de recompensas e punições a resultados relacionados com o desempenho escolar.

Bibliografia

Heckhausen, H. Apud: Weiner et alii. *Attribution: perceiving the causes of behavior*. Morristown, General Learning Press, 1972.

Rodrigues, A. *Estudos em psicologia social*. Petrópolis, Vozes, 1979.

Vianna Moog, C. *Em busca de Lincoln*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.

Weiner, B. & Kukla, A. An attributional analysis of achievement motivation. *Jour of Personality and Social Psychol., 15* (1): 1-20, 1970.